RELAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO DO JORNALISMO REGIONAL

Gabriella de Barros (PIBIC/UEPG), Paula Melani Rocha (Orientadora)
Gabrielladebarros@hotmail.com
Paulamelani@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo

O conhecimento do jornalismo e os processos de produção jornalística. Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação.

Palavras-chave: Profissinalização, Feminização, Jornalismo regional, Etnia.

Resumo

O projeto de Iniciação Científica tem como objeto de estudo a ocupação do mercado de trabalho do jornalismo regional em Ponta Grossa, com recorte em raça e gênero. O objetivo geral é aferir se há ou não assimetrias de raça e gênero no mercado de trabalho em relação aos cursos de formação em Jornalismo da cidade. Para isso, o estudo dialoga com os estudos sobre jornalismo regional, morfologia das redações o e discussões sobre raça e gênero. Foram estudados sete veículos da cidade entre impressos, online e emissoras de televisão e rádio. Os dados empíricos envolveram também duas instituições de ensino superior da cidade. Entre os resultados constatou-se que as mulheres ocupam em maior quantidade as cadeiras nas duas instituições de ensino analisadas contudo são minoria nos veículos regionais. O levantamento não encontrou um número expressivo de mulheres afro-brasileiras nas redações estudadas, já na academia há estudantes afro-brasileiros, porém em menor quantidade.

Introdução

A entrada da mulher no mercado de trabalho e o aumento de cursos de jornalismo levaram a profissão a uma juvenilização e feminização. De acordo com a Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, os jornalistas eram majoritariamente mulheres, brancas, solteiras, com até 30 anos, correspondendo um total de 64%. Das jornalistas 41,3% tem ensino superior completo, 7,1% tem mestrado completo e 0,2% tem doutorado completo (MULHERES...,2017,p 27). Dois terços (66%) têm renda de até cinco salários mínimos e quase a metade (49%) trabalha mais de oito horas por dia (PONTES,2017,p. 6).

A maioria das 477 jornalistas entrevistadas trabalhavam para mais de uma editoria, já em tecnologia e esporte elas eram minoria, apenas 0,6% e 4,6% respectivamente.Nessas áreas, os homens estão em maior número como editores. “Já na área de turismo, moda, gastronomia e estilo de vida há proporcionalmente mais mulheres editoras que homens” (MULHERES...,2017,p.9). Os dados revelam que embora as jornalistas mulheres sejam maiorias há assimetrias de gênero na ocupação do mercado de trabalho em relação a editorias e cargos. As funções mais ocupadas por mulheres ainda são de repórteres (53,2% dos casos), editoras (13,4%) e estagiárias (11,3%). Atividades como cinegrafistas e diretora-executiva ocupam

0,2% (MULHERES...,2017,p 28). Mesmo quando a mulher alcança uma posição de maior prestígio, a parcela de ocupação masculina ainda é maior (PONTES, 2017, p. 9).

O mercado de trabalho jornalístico enfrenta além das desigualdades de gênero, de raça também e as mulheres afro-brasileiras são as mais prejudicadas em relação aos outros pares. "As mulheres brancas recebem salários inferiores aos homens brancos, as pretas em relação aos pretos e as pardas frente aos pardos" (PONTES,2017,p.8). De acordo com Pontes, a diferença de renda por raça também atinge os homens, "Pois 40,8% dos brancos que exercem a profissão ganham menos de cinco mínimos, situação de 60,3% dos pardos e 66,7% dos pretos".

As mulheres pretas ganham menos que homens e mulheres brancas, pardas e homens pretos, revelando que a desigualdade se torna ainda pior quando intersecta raça e gênero. "As jornalistas pretas são as que recebem as piores remunerações. Os dados apontam que a categoria precisa enfrentar as desigualdades de gênero e de raça" (PONTES,2017,p.10). Em relação à raça o relatório "Mulheres no jornalismo brasileiro" coloca que, "Um total de 94,5% das respondentes disseram haver mais pessoas brancas do que negras em seus veículos. Nos cargos de liderança, esse percentual foi de 95,6%". Os dados do relatório mostram que a maioria das jornalistas são brancas correspondendo 76,9%, em seguida pardas 15,7% e afro-brasileiros com um total de 4,8%.

Frente ao dados das duas pesquisas Perfil do Jornalista Brasileiro (2012) e Mulheres no Jornalismo Brasileiro (2018), o presente projeto de pesquisa tem como propósito investigar o cenário do jornalismo regional, sediado em Ponta Grossa, com o objetivo geral de aferir se há ou não assimetrias de raça e gênero no mercado de trabalho em relação aos cursos de formação em Jornalismo da cidade.

Material e Métodos

O primeiro passo deste estudo foi levantar pesquisas de mestrado e doutorado que abordam mercado de trabalho em jornalismo, raça e gênero no Portal Capes. Dentro desse levantamento foi feito duas tabelas que exploravam as pesquisas encontradas que tivessem mais ligação com o tema, a partir das palavras-chave, jornalismo, raça, gênero e mercado de trabalho. O período de busca compreendeu os anos de 2016, 2017 e 2018, e foram encontrados 266 resultados. Dentre os resultados, cinco pesquisas, entre teses e dissertações abordavam o mercado de trabalho jornalístico. Nenhuma delas compreendia estudos de gênero e raça.

Em seguida foi feita a pesquisa de campo junto às redações de Ponta Grossa, que são: Diário dos Campos, Jornal da Manhã, RPC, Tribuna da Massa, TV Educativa, Rádio Santana e Rádio MZ coletar dados de quantos jornalistas trabalham nesses veículos, a distribuição por gênero, cargo e etnia. Com isso podemos caracterizar as relações de raça e gênero, a partir dos veículos, postos e cargos ocupados pelos profissionais e identificar se há assimetria ou desigualdades nas relações trabalhistas envolvendo raça e gênero.A última etapa do trabalho foi e identificar a presença de estudantes afro-brasieliros nos cursos de formação em Jornalismo de Ponta Grossa, da Universidade Estadual de Ponta e SECAL. Para isso entramos em contato com a coordenação dos cursos para que passassem os dados de 2016 a 2019.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi desenvolvida em três objetivos específicos: levantar pesquisas de mestrado e doutorado no Portal Capes com escopo em mercado de trabalho em

jornalismo, raça e gênero; mapear a participação de jornalistas (mulheres e homens) afro-brasileiros nas redações de jornais online, impressos e emissoras de rádio e televisão em Ponta Grossa; Identificar a presença de estudantes afro-brasileiros nos cursos de formação em Jornalismo de Ponta Grossa.

No ano de 2016 o total de alunos que entraram no curso de Jornalismo das duas instituições foi de 340. Entre esses alunos, 90% são de pessoas que se declararam brancas, 6,5% se declaram afro-brasileiros e 3,5% pardos. No período de 2017 aparece um crescimento de estudantes que entram para o curso, 350 pessoas, sendo 89,5% brancos, 6% afro-brasileiros e 4,5% pardos. Já no ano de 2018, a porcentagem de pessoas que se declaram brancos é de 86%, a taxa de alunos que se declaram afro-brasileiros sobe para 8,6% e 5,2% de alunos que se declaram pardos, de um total de 266 estudantes. A mudança significativa só acontece no primeiro semestre de 2019, com o total de 288 estudantes. O número de pessoas que se declaram brancas cai para 82%, crescendo o número de pardos 5,9% e afro-brasileiros 12,1%. Fazendo um comparativo entre as duas instituições percebeu-se que no ano de 2016 a Universidade Estadual de Ponta Grossa recebeu um número menor de alunos que se declaram afro-brasileiros, um total de dois alunos, comparado a Faculdade Secal que teve um número expressivo de 20 alunos. Os últimos dados são do primeiro semestre de 2019, a Faculdade Secal recebeu nove alunos afro-brasileiros enquanto a Universidade Estadual de Ponta Grossa teve um aumento, com o total de seis alunos.

Outro objetivo da pesquisa era mapear o mercado de trabalho de jornalistas, considerando o gênero e raça/etnia, nas redações de jornais online, impressos e emissoras de rádio e televisão em Ponta Grossa. As perguntas eram: Quantos homens atuam na redação, quais são os cargos que eles ocupam; Qual a etnia que eles se declaram; Quantas mulheres atuam na redação, quais são os cargos que elas ocupam e qual a etnia que elas se declaram.

As redes de televisão de Ponta Grossa apresentam um número maior de homens trabalhando nas redações. Na RPC, tem 15 homens e 10 mulheres. As funções ocupadas pelos jornalistas são: Chefe de redação (cargo de coordenação); Editor apresentador; Editor; Produtor; Repórter; Repórteres cinematográficos; Diretores de imagem; Editores de imagem; Operador de câmera de estúdio e Auxiliar técnico, os cargos ocupados pelas mulheres são de: Editoras executivas (cargos de coordenação); Editora apresentadora; Editoras; Produtora; Repórteres; Assistente de operações internas. Todos os homens se declaram brancos, com exceção de um editor de imagens que se declara afro-brasileiro, todas as mulheres se declaram brancas. As mulheres também ocupam cargos dentro da coordenação, mas elas não estão presentes quando se relaciona com a função de editoras, nem de repórteres cinematográficas. Nenhuma delas é afro-brasileira. Os homens são em maior número sendo assim ocupam mais cargos dentro das redações, o principal deles é o chefe de redação, ocupado por um homem branco. Na Tribuna da Massa o número de homens jornalistas chega a 20, em contraste com as nove jornalistas mulheres que trabalham na emissora. Os homens ocupam as principais funções, editores-chefes, assistentes de produção, pauteiros, editor de texto, repórteres, cinegrafistas, editores de imagem, as mulheres trabalham como repórteres, editora-chefe e assistente de produção. Uma delas é afro-brasileira, dos jornalistas homens dois são afro-brasileiros. Na TV Educativa o número de homens e mulheres que trabalham como jornalistas são próximos, sete homens e seis mulheres. Repórter, editor e estagiário são as funções que os jornalistas exercem, as mulheres têm as

funções semelhantes, mas nenhuma delas é editora. Na equipe apenas um estagiário se declarou como pardo, as mulheres se declararam todas brancas.

A rádio Santana tem apenas um homem e duas mulheres trabalhando, uma delas é estagiária. O jornalista tem a função de apresentador dos noticiários, redator e repórter do setor policial. A jornalista é diretora do setor de jornalismo, assim como redatora e apresentadora dos programas da rádio. Todas as mulheres se declaram brancas. Na rádio MZ trabalham apenas três homens, todos como radialistas, apenas um deles se apresenta como afro-brasileiro. Assim como na MZ, a rádio Clube, tem mais homens trabalhando, um total de seis jornalistas e apenas uma mulher. Os jornalistas exercem as funções de coordenador, apresentador, repórter, comentarista e narrador, a jornalista tem a função apenas de repórter. Todos se declaram brancos.

No veículo impresso, como o Jornal da Manhã não tem nenhuma jornalista formada trabalhando, somente duas estagiárias. São sete homens, que assumem a função de editor chefe, um que fica presente na redação, ao vivo internos e externos, repórter da editoria de política, páginas de dinheiro e um estagiário. Nenhum deles se declara afro-brasileiro. O Diário dos Campos tem um número próximo de jornalistas trabalhando, cinco homens e quatro mulheres. As jornalistas têm função apenas de repórteres, os jornalistas trabalham como chefe de redação, repórteres e fotógrafos.

Conclusão/ões

O mapeamento feito encontrou apenas um trabalho sobre a questão da mulher ligada diretamente à função de fotógrafa, não dando visibilidade para este tema no âmbito da pesquisa em Comunicação. Como mostrado na pesquisa existe uma limitação da participação feminina nas redações regionais. Quando estão presentes ocupam a maioria dos cargos de repórteres ou chefia intermediária. Constatou que veículos mais tradicionais como rádio ou impressos elas estão ou como estagiárias ou em minoria, o que revela uma desvalorização do trabalho das jornalistas.

Assim como não tem um grande número de mulheres nas redações, o número de afro-brasileiros aparece ainda menor, mulher afro-brasileira ainda é mais preocupante. A maioria dos veículos analisados não tem jornalistas que se declaram afro-brasileiros, isto pode estar associado também ao pouco acesso e procura de afro-brasileiros aos cursos de jornalismo da cidade. Incentivar pesquisas sobre o mercado de trabalho em jornalismo e a intersecção entre raça e gênero na ocupação deste mercado, ou não ocupação, assim como nos cursos de formação agregariam nas reflexões e no entendimento deste retrato, pelo menos em âmbito regional.

Agradecimentos

A UEPG pela bolsa concedida e a orientadora Dra. Paula Melani Rocha

Referências

PONTES, S. F. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileira. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.20, n.1, jan./abr. 2017. Disponível em: file:///F:/PROJETO/1310-Texto%20do%20artigo-6009-2-10-20170518.pdf. Acesso em: 20 ago.2019.

MULHERES no jornalismo brasileiro. **Gênero e Número**. Disponível em: http://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 20 ago.2019.